

O risco de desperdiçar oportunidade histórica de justiça tributária



» LUCAS LOUBACK
Ativista político e gestor de advocacy no NOSSAS

O país vive um momento decisivo em sua longa trajetória por justiça tributária. Pela primeira vez em décadas, há a possibilidade concreta de aliviar a carga sobre a classe trabalhadora, fazendo com que os mais ricos passem a pagar a sua parte. Não é exagero dizer que se trata de um dos maiores avanços na agenda tributária do país, com potencial de mudar a vida de milhões de pessoas.

Mas essa conquista não está garantida. O Projeto de Lei 1.087/2025, conhecido como PL do Imposto Zero, foi aprovado pela comissão especial no último dia antes do recesso parlamentar, em julho, preservando seu núcleo mais transformador: isenção total do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil por mês, redução para quem recebe até R\$ 7 mil e tributação de 10% sobre lucros e dividendos de quem ganha mais de R\$ 50 mil mensais. A relatoria do deputado Arthur Lira ampliou a faixa de isenção para R\$ 7,3 mil, mantendo compensações para estados e municípios.

Havia uma possibilidade de que o projeto fosse direto para o plenário naquela mesma noite, mas a votação não entrou em pauta, já que o presidente priorizou o PL da Devastação. Com a volta do recesso parlamentar, a pauta foi atropelada por outros temas no Congresso, sobretudo pelas tentativas de obstrução e pautas-bomba puxadas pelo bolsonarismo, que articulou um motim e paralisou o parlamento e o avanço legislativo do país. O risco agora é claro: sem pressão popular e sem debate público ativo, um dos principais projetos de combate à desigualdade pode cair no esquecimento ou ser desfigurado por mudanças que atendam ao lobby de quem mais lucra com o modelo atual.

O Brasil está entre os poucos países do mundo que não tributam lucros e dividendos de pessoas físicas, isenção em vigor desde 1995. Segundo estudos do Ipea, cerca de R\$ 400 bilhões por ano deixam de ser arrecadados dessa forma. Ao mesmo tempo, nosso sistema pune quem vive com salário baixo: os 10% mais pobres comprometem 26% de sua renda com tributos indiretos, enquanto os 10% mais ricos comprometem apenas 10%. Essa distorção não é um acidente: é fruto de décadas de privilégios tributários e ausência de coragem política para enfrentá-los. O PL 1.087 rompe com essa lógica e começa a corrigir uma injustiça histórica.

O avanço até aqui não aconteceu por acaso. A pauta ganhou força graças à combinação entre

vontade política do Executivo e pressão da sociedade civil. A campanha PL do Imposto Zero, que lideramos junto com outras organizações em parceria, como Inesc, atua em duas frentes: mobilização digital de massa, com milhares de cidadãos pressionando deputados por meio da plataforma www.pldoimpostozero.com.br, e incidência direta no Congresso para blindar o projeto de retrocessos. O movimento negro e o feminista têm tido papel forte nessa mobilização, denunciando como o sistema atual reforça desigualdades de raça e gênero: mulheres negras, por exemplo, são as mais penalizadas pelo peso dos impostos sobre o consumo.

As próximas semanas serão decisivas. Sem pressão popular, há o risco de que a votação em plenário não seja priorizada; as emendas desmontem a tributação sobre os mais ricos; e a narrativa do privilégio fiscal perca espaço no debate público. Este é o momento de manter a mobilização viva, de reforçar que justiça tributária não é assunto só de especialistas, é sobre o direito de milhões de brasileiros a um sistema mais justo, democrático e inclusivo.

O PL do Imposto Zero é uma chance histórica de virar a página da desigualdade fiscal no Brasil. Se o Congresso aprová-lo como está, daremos um passo para que os mais ricos paguem mais e quem ganha menos finalmente respire aliviado. Mas isso só vai acontecer se a sociedade fizer barulho e cobrar cada parlamentar.

A visão embaçada de Trump sobre Brasília



» JOSÉ NATAL
Jornalista

O presidente americano Donald Trump deve conhecer bem a cidade de Washington, capital de seu país. Inclusive, a considera perigosa e violenta e, segundo ele, parecida com cidades, como Bogotá, Lima, San José da Costa Rica, Cidade do México e Brasília. Mas, com certeza, Trump não conhece nem Brasília nem o Brasil. E quem passou a ele informações a esse respeito age de má-fé ou deve assumir a incompetência e a irresponsabilidade por ações tão bizarras e absurdas.

Não vamos aqui cansar a paciência do leitor, buscando índices de pesquisas e estatísticas para contra-argumentar sandices desse porte. Longe de ser uma cidade-exemplo em termos de segurança e conforto social, Brasília está a quilômetros de distância em relação a seis ou sete outras metrópoles brasileiras nos quesitos violência e fragilidades. Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Cuiabá e Manaus, entre outras cidades, sabidamente enfrentam problemas dessa natureza há anos, e, mesmo com seguidas providências das autoridades, em muitas delas ainda persistem questões de difícil solução.

A inclusão de Brasília nessa rota de pontuação negativa, caprichosamente citada por Trump, tem o objetivo claro e evidente de azedar ainda mais a conturbada relação momentânea entre Brasil e Estados Unidos, tendo como o pano de fundo o processo em curso no Supremo Tribunal Federal (STF) contra o ex-presidente Jair Bolsonaro. Em seguidas ocasiões, Trump e alguns assessores de seu governo explicitaram a exigência pelo fim do que chamam de perseguição política ao ex-presidente.

Nessa lista de assessores, mesmo que sem crachá que libere a portaria, o nome do deputado Eduardo Bolsonaro é mencionado com robusta consistência. E, nesse pacote de problemas, o anúncio de elevadas taxas de impostos a produtos exportados pelo Brasil para os Estados Unidos surge como a cereja do bolo para atizar mais conflitos.

A citação de Brasília nessa rede de intrigas levou o governador Ibaneis Rocha a enviar uma longa carta ao presidente americano. De um lado, o texto discorda das conotações negativas. De outro, cutuca o governo Lula, que, para o governador, deveria abandonar disputas ideológicas e abrir negociações produtivas na busca de interesses geopolíticos, evitando divergências partidárias.

Em outro trecho, Ibaneis cita que “informações equivocadas possivelmente decorrentes da atual ausência de diálogo” tenham motivado observações tão ruins. Analistas com mais tempo de estrada consultados sobre a resposta do GDF aos equívocos de Trump lembraram que, por ocasião dos episódios lamentáveis de 8 de janeiro de 2023, eles não merecem do governador tanta consideração. A observação tem sua razão de ser.

O pensador inglês Aldous Huxley, que morreu em 1963 aos 69 anos, citava que “os fatos não deixam de existir simplesmente por serem ignorados”. Inúmeros acontecimentos que, nos dias de hoje, perturbam e tiram a tranquilidade do povo brasileiro estão relacionados com a depredação selvagem de prédios públicos naquele ano fatídico, difícil de esquecer. A carta enviada por Ibaneis ao presidente Trump talvez não tenha nem sido lida por ele — nem será. Nada muito surpreendente se de fato isso acontecer, governantes são assim.

Historicamente, as relações entre Brasil e Estados Unidos nunca foram abaladas e, em muitas oportunidades, os dois países fizeram parcerias em eventos e promoções de interesse comum. O intercâmbio cultural, esportivo e empresarial sempre existiu. É verdade também que o poderio financeiro, o peso da moeda e os encantamentos da modernidade americana em muitas ocasiões exercem o poder de sedução e conquista.

Nada justifica o ambiente hostil que o novo governo americano, sem motivo aparente, insiste em consolidar, trazendo de volta a antiga fama de que brasileiros aceitam uma estranha submissão imposta pelos gringos. Essa conduta é condenável e, contra isso, o Brasil já sinalizou que não vai aceitar. O comportamento de total submissão que a família Bolsonaro vem acelerando a passos rápidos com os bastidores do governo americano resvala no que há de pior para qualquer entidade que tenha o mínimo de respeito pelo seu país.

O ipê professor



» LUCIANA ASPER Y VALDÉS
Promotora de justiça, coordenadora do Programa NaMoral

Volta às aulas.

A beleza de um ipê florido, por si só, é algo que nos impacta a ponto de pararmos diante dele atônitos. Mas extraordinário mesmo é quando eles não só encantam os olhos, mas moldam nossos corações. Sim, a biologia deles pode nos ensinar mais sobre nossa identidade do que anos de terapia.

Em condições normais de “temperatura e pressão”, os ipês lá estão, quase imperceptíveis, com suas folhas, no meio a tantas outras plantas, fazendo o quê? Se ocupando de algo relevante e generoso: transformar o CO2 tóxico em O2 puro, precioso e essencial para as nossas vidas. Uma entrega discreta, constante, perene e silenciosa sem a qual, porém, não haveria vida na Terra. “Resignifica o tóxico” para generosamente distribuir “o que é puro”. Guarda sua integridade e permanece fazendo o que foi feito para fazer. Não são críticas, nem elogios, não é a indiferença, nem troféus, não são vaias, nem aplausos que mudarão sua essência ou afetarão seu propósito.

E eu e você? O que fazemos com o que “fazem conosco”? Como estamos “processando” as oscilações do que recebemos ou deixamos de receber? Como as circunstâncias, o que está fora, o que está no outro e é do outro nos corrompe e nos impede de jogar o que fomos feitos para generosamente entregar? Como nos “deixamos quebrar”, invadir e

impedir que os nossos tesouros façam o que foram feitos para fazer: impactar vidas, deixar legados? O fato é que não apenas rompemos o nosso “core”, corrompemos o nosso coração e essência quando geramos algum tipo de dano/prejuízo a outro ser humano, mas também quando simplesmente deixamos de manejar os nossos dons, talentos, competências, habilidades e recursos para mudar histórias, socorrer vidas e gerar bem-estar. O que deixamos quando saímos de um lugar? Que marcas?

Nosso ipê professor tem, ainda, outra lição, um pouco mais drástica a passar. Quando chega o tempo da escassez, das dores, da sequeidão, da terra árida, endurecida, da pouca água e do frio? Como ele se comporta? Dizem que devemos nos perguntar o que sai de dentro de nós quando somos espremidos? O ipê revela que é justamente nessa hora que brota dele o mais belo, o mais extraordinário. É quando a poeira sobe, não há água e a temperatura cai, que ele floresce! E floresce de uma forma extravagante. Que resposta, reação, atitude, postura mais inesperada. E, então aqui, ele chama toda nossa atenção. Nos voltamos atentamente para ele e nos perguntamos: como é possível, nesse contexto tão contrário, escasso, sofrido, nos entregar tamanho espetáculo de beleza e esplendor? Ele sobressai, destoa de todo resto.

E quanto a nós? Temos destoadado do resto? Temos sido bálsamo, luz, esperança, alívio e aconchego quando as ofensas, as pressões, as decepções, as frustrações, as injustiças, a maldade e a escassez de toda sorte batem à porta? Ou nos misturamos com a sequeidão à nossa volta igualzinho um camaleão “vestido” em seus trajes de camuflagem?

O mais interessante de florescer na terra árida é que o ipê faz isso justamente para garantir a reprodução da sua espécie. O estresse hídrico e térmico

indica que a sua vida está ameaçada, vai morrer. Sua “decisão”? Liberar, renunciar todas as suas folhas a fim de não gastar energia com elas e, então, concentra todos os seus recursos para produzir as flores que irão perpetuar os ipês. Essas flores cheias de pólen e néctar atraem os insetos e pássaros polinizadores e, sem as folhas “no caminho”, o próprio vento se junta nessa missão de dispersar suas sementes.

Sim, o ipê professor não vai correr o risco de partir sem antes garantir que o seu legado continue. Continuará produzindo oxigênio, florescendo, nos provendo e impactando, ainda que seja por meio de “futuras gerações” de ipês. A lição? Reconhecer a prioridade dentro do importante e cumprir o seu propósito em cada estação da vida. Servir os outros e as futuras gerações vai nos exigir que saibamos guardar nossa integridade. Permanecer. Não podemos ir sem antes fazer de tudo para deixar a nossa contribuição. E sabemos quando vamos? Não, ninguém sabe, por isso é melhor cuidar para que todos os dias possamos dormir vazios.

Há mais para entregarmos. É preciso agarrar as oportunidades que revelam que dar é melhor que receber, que ser generoso é melhor que ser egoísta, que é possível ser gentil mesmo com quem é grosseiro, que vitorioso é ser honesto e justo no meio a toda forma de engano, que a excelência faz muito mais sentido que a pressa. Ser manso, quando todos estão ansiosos e agressivos. Que feliz é ser benigno e bondoso, e não ser manchado com as ofensas dos outros. E forte e corajoso é quem pode olhar para trás e saber que venceu o medo e combateu o bom combate gerindo, com excelência, suas competências e habilidades, inteligências e sensibilidades, forças de caráter na missão de servir e de jorrar vida, esperança, generosidade e amor aos necessitados, os de perto e os de longe.